

ROMANCEIRO DE SÃO JORGE: VOZES DE UM IMAGINÁRIO ENTRE PORTUGAL E BRASIL

Roncalli Dantas Pinheiro (UFPB)
roncallid@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como foco de análise as narrativas colhidas em torno do mito de São Jorge, expressão popular entre Portugal e Brasil, fixado no Romanceiro tradicional ibérico e em oração e rezas no catolicismo popular brasileiro. Esta tradição discursiva presente desde as narrativas orais medievais em torno do nome do santo guerreiro, é também atualizado e entrecortado arquetipicamente por sua face mítica correspondente da África, o Orixá Ogum, presente atualmente no imaginário religioso brasileiro.

A pesquisa realizada do tipo observação participante, teve como pergunta mobilizadora: que significantes textuais presentes no mito de São Jorge se deslocam entre tempos e espaços tão distantes, entre Portugal e Brasil?

Para análise foi utilizado as variantes do romance Justo Juíz do Romancero tradicional Ibérico coletado no século XX, na província de Trás-os-Montes em Portugal e publicado em 1987 por Manoel da Costa Fontes, a oração recitada por Dionísio Azevedo para fechamento de corpo, presente no disco de áudio São Jorge guerreiro e as corimbas de Ogum coletado em terreiro de umbanda na cidade de João Pessoa, Paraíba, em agosto 2014.

Como orientação teórica, elegeu-se textos sobre o romanceiro, ibérico e brasileiro, com os autores Idellete Muzart e Braulio do Nascimento, a teoria da tradição discursiva por Johannes Kabatek e, para compreensão da atualização da tradição nas comunidades, buscou-se as análises de Paul Zumthor.

A partir da análise dos arquétipos do guerreiro "vencedor de demandas", que permeia entre as narrativas mitológicas de São Jorge e Ogum, em seus desdobramentos na oralidade e escrita, fixada na memória de comunidades umbandistas, verifica-se a possível inclusão do romanceiro tradicional português no interior dos cantos entoados aos orixás, as corimbas.

Assim, espera-se contribuir com os conhecimentos sobre o tema, ampliando a compreensão de como a identidade brasileira, mestiça, é constituída entre tramas narrativas de diferentes tradições textuais e culturais.

1. A legenda de São Jorge

A partir de uma rede de textos oriundo de várias fontes, amplamente divulgado em diversos sites na web e em folhetins de auto-ajuda disponíveis em bancas de revistas, pode-se resumir objetivamente as narrativas do nascimento, vida e morte do santo protetor.

As narrativas do mito geralmente remetem ao final do século III d.C, período em que a mãe do santo guerreiro retorna à Lida, após se tornar viúva na Capadócia. Já adulto, São Jorge se alista no exército e segue a carreira do pai, oficial do exército Romano. Ele ascende na corporação militar, sendo participante da guarda pessoal do imperador Diocleciano.

Por volta do ano 303, o imperador decreta a perseguição aos cristãos em todo o Império Romano, impelindo o jovem a participar da perseguição, mas ele prefere professar sua religião e, indo de encontro à política estabelecida, critica a decisão do imperador. Diocleciano então reage duramente às críticas e, como forma de punição, ordena a tortura e execução do traidor. Ele é torturado e, finalmente, no dia 23 de abril de 303, é levado às muralhas de Nicomédia para execução, por decapitação.

As narrativas verbais inicialmente circularam sem registro escrito, permitindo que inúmeras outras narrativas, aos poucos, fossem somados ao próprio mito. Posteriormente, algumas

destas variantes foram coletadas pelo dominicano Jacopo de Varazze por volta dos anos 1260 e publicado como *Legenda Áurea*. Por ser dominicano, Varazze atuava entre os leigos, recorrendo com mais frequência às línguas vulgares e às narrativas populares, do que o latim e textos teológicos. Conseqüentemente, a compilação fixou relatos discrepantes, sendo considerado um texto apócrifo a partir do concílio de Nicéia.

Foi neste universo "apócrifo" do catolicismo popular, das línguas vulgares, das narrativas populares, que o mito penetrou no romanceiro português.

2. O romanceiro português ou a língua portuguesa?

O termo romance se confundiu na história lusitana durante séculos com a própria língua portuguesa. Vasconcelos (1938) aponta Camões, que utilizou o termo *romance* na estrofe 96 do canto X de *Os Lusíadas* com o significado de língua: "O Rapto, rio, nota que o romance da terra chama Obi; entra em Quilmance". (CAMOES, 2006 p. 276).

Neste período, o romance com significado de língua geral ocorria como meio de diferenciar as línguas vulgares do Latim. Os romances, as línguas românicas, foram as diferentes formas que o Latim adquiriu em choque com as línguas nativas existentes anteriormente à imposição linguística do império Romano.

Para José Leite de Vasconcelos (1938 p. 1015) a palavra romance tinha inicialmente o sentido de língua geral, somente depois vai representar as produções literárias de uma determinada língua.

Dentre os romances portuguêsês que contemplam o mito de São Jorge, utilizamos para esta pesquisa, os textos coletados por Manoel da Costa Fontes no distrito de Bragança, localizado na província de Trás-os-Montes em Portugal, publicados em 1987.

A província de Trás-os-Montes localiza-se no extremo norte de Portugal, sendo importante observar as características geográficas, sociais e econômicas para entender as razões pelas quais o mito está mais presente na memória da população dessa região do que no centro de Portugal.

Por estar localizado na região norte, possuindo um relevo de planaltos e clima frio, em fronteira com a Espanha, A região de Trás-os-Montes sofreu um despovoamento com o passar dos anos, que, aliado a uma forte cultura ligada ao cultivo de centeio, produziu uma comunidade isolada com fortes valores rurais. Essas características da geografia local provavelmente possibilitaram a conservação cultural, embora sendo região fronteira, de características extremamente tradicionais, capaz de guardar oralmente memórias pertencente às raízes da cultura Ibérica.

Os romances são textos de uma literatura oral de caráter coletivo, que conforme Bráulio Nascimento (2004), possuem um cerne semântico resistente à migração no espaço e no tempo, mesmo variando lexemas, frases, discursos. As contribuições performáticas criativas de indivíduos isolados na alteração de significados, gerando novos elementos textuais, não ocasionam modificações quando se considera a estrutura semântica mitológica em sua totalidade. É um texto em desenvolvimento, um corpo vivo que adquire unidade em sua diversidade espaço temporal.

A proposta da pesquisa em abordar alguns textos coletados por Fontes (1987) que inclui o mito de São Jorge no romanceiro portuguêsês tem o objetivo de verificar analogias que existem na dinâmica da transmissão oral, recriados para a realidade cultural brasileira, especificamente nas rezas católicas e nas corimbas, que são, conforme Mãe Edite¹, os pontos cantados em louvor às entidades de Umbanda.

¹ Mãe Edite, Edite Ferreira de Lima, nascida em 1922, foi Mãe pequena do terreiro Ogum Toperina, liderado por Pai Valdivino entre os anos de 1960 a 1990. A mãe pequena tinha também a função de "puxar" as corimbas durante as festas no terreiro.

O primeiro Romance é um ensalmo que faz referência aos salmos bíblicos da religião judaica, textos de orações, de súplicas e de louvor ao Deus de Israel. São anteriores ao cristianismo e pertence ao velho testamento. Os Ensalmos do Romanceiro Português por sua vez, tem o mesmo teor, contudo acrescenta elementos da religião cristã. Em destaque, está o trecho que faz referência à oração de São Jorge, rezado em todo Brasil.

Ensalmos
Justo Juiz (contra inimigos)

Recitado por Marcelina Augusta Centena, nascida em 1917 Avelada/Bragança. Coleta em 17 julho de 1980 Fontes (1987 p.1100).

Justo juiz divinal
Filho da virgem Maria,
Que em Belém fostes nascido
No meio da Judaria:
Peço-vos que guardeis o meu corpo
De noite e de dia
Não seja preso,
Nem ferido
Nem morto
Nem de justiça envolto
- Paz teco, paz teco, paz teco -
Disse Deus aos seus discípulos.
Se não passarem por 'qui os nossos inimigos,
Não nos deixeis ver,
Nem ouvir,
Nem falar,
Nem pinga de sangue
Do nosso corpo tirar
Tenham olhos não nos vejam
Tenham pernas não me alcan
cem
Tenham braços não mos ofedem
Tenham ouvidos não nos ouçam
Tenham boca não nos falem
Tenham olhos não nos vejam
Co'as armas de São Jorge seremos bem armados
Co'as chaves de Pedro seremos bem fechados
Co'os tres cálix benditos
Co'as tres hostias consagradas,
Tres sacerdotes revestidos
Subiu Deus do seu horto
A orar por todos os séculos dos séculos. Amém

O Segundo texto é uma outra variante do ensalmo, coletado de uma mulher mais jovem, de outra localidade da mesma região trasmontana. É um texto mais curto, com expressões menos formais, com modificação do termo latino "Tecum" que significa esteja convosco. No trecho referente a São Jorge, nota-se a ausência dos verbos, alterações da sequência dos versos relativos aos órgãos protegidos do corpo, além de transmitir um caráter de proximidade do texto, ao utilizar as estruturas verbais em primeira pessoa.

*Recitado por Ana Campina dos Santos, nascida em 1963 Varge/Bragança. Coleta em 17 julho de 1980
Fontes (1987 p.1103).*

Justo juiz divinal
Filho da virgem Maria,
Em Belém fostes nascido
Em Jerusalém crucificado
No meio da Judaria:
Vos peço meu Deus e Senhor
Pelo vosso santo dia,
Que livres a minha alma e meu corpo
Que não seja preso nem morto,
Nem de justiça envolto
- Parteco, parteco, tres vezes parteco -
disse Deus aos seus discípulos.
Se vierem os tres inimigos pra me prender,
Tenham olhos não me vejam
braços não mos ofedem
boca não nos falem
pernas não me alcancem
Co'as armas de São Jorge serei bem armada
Com o leite da virgem Maria barrofada
Tres clérigos vestidos
Tres cálices benditos
Tres hostias sagradas,
Disse Deus ao terceiro dia
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Um pai nosso com uma avé-maria
Tres sacerdotes revestidos
Subiu deus do seu horto
A orar por todos os séculos dos séculos.
Amém.

3. O romance na realidade católica nordestina

Dentre os vários discos de vinil lançados no Brasil nas décadas de 1970 e de 1980 referente ao tema de São Jorge, o disco com título de "São Jorge Guerreiro", produzido pelo selo Cáritas em 1984, se destaca por conter em sua ultima faixa, a oração para fechamento de corpo, recitado pelo ator Dionísio Azevedo.

A oração para fechamento de corpo ecoa nos versos do romance português e é muito usado por compositores da música popular brasileira tais como Jorge Benjor e Zeca Pagodinho entre outros. Pode-se afirmar que é uma variante muito próxima, um desenvolvimento verbal do próprio romance Justo juiz contra os inimigos, traduzido à cultura brasileira, rezado nos mais diferentes lugares em suas variantes.

Observa-se a inclusão de elementos do catolicismo popular, tais como o personagem "Padrinho Padre Cícero", que nasceu no Crato, Ceará, foi símbolo de coragem, atuando como Padre na cidade de Juazeiro do Norte, que ocupa um lugar importante no imaginário do sertanejo, onde converge todos os anos centenas de romeiros para celebrar a devoção ao santo Padre.

Oração para fechamento de corpo²

Justo juiz de nazaré
Filho da Virgem Maria
Que em Belém fostes nascido
Entre as idolatrias
Eu vos peço Senhor
Pelo vosso sexto dia
E pelo amor de meu Padim Ciço
Que meu corpo não seja preso
Nem ferido
Nem morto
Nem nas mãos da justiça envolto
Patsteco, patsteco, patsteco
Cristo assim disse aos seus discípulos
***Se os meus inimigos vierem para me prender
Terão olhos, não verão
Terão ouvidos, mas não ouvirão
Terão bocas, não me falarão
Com as armas de São Jorge serei armado***
Com a espada de Abraão serei coberto
Com o leite da Virgem Maria serei borrifado
Na arca de Noé serei arrecadado
Com as chaves de São Pedro serei fechado
Aonde não me possam ver nem ferir
Nem matar, nem sangue do corpo tirar
Também vos peço Senhor
Por aqueles tres cálices bentos
Por aqueles tres padres revestidos
Por aquelas tres hostias consagradas
Que consagrastes ao terceiro dia
Desde as portas de Belém até Jerusalém
E pelo meu Santo Juazeiro
Que com prazer e alegria
Eu seja também guardado
De noite como de dia
Assim como Jesus andou no ventre
Da Virgem Maria
Deus adiante
Paz na guia
Deus me dê a companhia
Que sempre deu a Virgem Maria
Desde a casa santa de Belém
Até Jerusalém
Deus é meu Pai
Deus é meu Pai
Nossa Senhora das Dores, minha mãe
Com as armas de São Jorge serei armado
Com a espada de São Tiago serei guardado
Para sempre
Amém.

² Disco LP "São Jorge Guerreiro" autor: Carlos Buby & Coro do Templo Caboclo Guaraci 1984. Gravado pelo selo Caritas, e interpretação da faixa por Dionísio Azevedo. Disponível em http://discosdeumbanda.blogspot.com/2010/06/sao-jorge-guerreiro_15.html Acesso em agosto de 2010

4. O romance no universo umbandista nordestino.

O romanceiro tradicional para Bráulio Nascimento (2004) é o primeiro laço cultural, espontâneo, entre os povos que atravessaram o atlântico. No nordeste brasileiro, conforme Santos (2006), O termo romance não representa, de fato, um campo semântico claramente delimitado na língua falada. É mais designado por versos ou histórias cantadas, histórias de antigamente - ou a uma temática: histórias cantadas de reis e princesas, ou ainda por um arquétipo de referência: uma história de Juliana.

A delimitação semântica do discurso se manifesta com relação as condições de transmissão do romance, que pode se chamar cantiga ou brincadeira de roda, drama, quando é dramatizado, cantigas, finalmente, e mesmo cantigas de velhas. O romance pode ser parte integrante de um espetáculo popular, como cavalo marinho, bumba meu boi, nau catarineta, e até integrar a liturgia religiosa de uma outra matriz cultural, como foi verificado nesta pesquisa em terreiro de umbanda de João Pessoa, cidade do nordeste brasileiro.

De acordo com o dicionário Aurélio (1986), pontos cantados são cada um dos cantos religiosos particulares de cada entidade, usado para invocá-las, homenageá-las, enquanto incorporadas, e saudá-las, quando partem do corpo do medium. Carina M.G. Moreira (2008) desenvolve o conceito, abrangendo os diversos campos de linguagem que se faz presente na voz durante o ritual.

“Os Pontos Cantados possuem ritmos e funções variadas. Sua poesia, constituída da palavra e seus ritmos cantados, conferem-lhe um poder mágico, sendo interpretado na Umbanda como uma forma de oração, servindo para direcionar as giras e auxiliar os guias em seus trabalhos. Assim, além de evidenciarem sua matriz centro-africana, eles apresentam as marcas adquiridas no seu caminho histórico, que é nosso caminho histórico, brasileiro” (MOREIRA, 2008 p1).

A grande maioria dos iniciados em umbanda atualmente denominam os cânticos entoados nas celebrações de "pontos cantados", contudo os mais antigos ainda denominam de "corimbas". As corimbas era um termo mais abrangente, pois se referia não somente aos cantos de santo, como também aos instrumentos e a própria pessoa que entoava o canto, o "corimbeiro". É possível que essa denominação tenha sido estabelecida no período de perseguição das religiões de matriz africana, em João Pessoa até o ano de 1966, em que a utilização de acompanhamentos percussivos deveria ser de maneira discreta, sendo em algumas casas se valendo apenas da utilização de palmas e maracás como acompanhamento. Como a fonte informante desta pesquisa utiliza o termo corimba, então tratamos os cantos da liturgia com tal denominação.

A seqüência das três primeiras corimbas abaixo, cantados por Edite Ferreira de Lima, se refere a introdução do momento de reverência ao orixá Ogum e a quarta corimba é entoada para a despedida do orixá Ogum.

Seqüência de corimbas cantado por Edite Ferreira de Lima (Mãe edite), nascida em 1922 João Pessoa. Coleta em 08 de agosto de 2014 no Bairro Valentina em João Pessoa, Paraíba.

I

São Jorge está de ronda
Com sua "cavaleiria"
Nas horas de agonia
Oh Maria, Oh Maria

Vamos todos saravá Ogum

Vamos todos saravá Ogum
Nas horas de Deus, Oh meu Deus
Nas horas de Deus, Oh meu Deus

II

No campo do Humaitá, Ogum
No campo do Humaitá, Ogum
Venceu a guerra meu pai Ogum
Venceu cavalo amontado

III

São Jorge é santo
É protetor meu
Ele é quem nos livra
Dos inimigos meus

Com sua lança
Punhada na mão
Em seu cavalo
Venceu o dragão

IV

Selei selei
Meu cavalo selei
Selei selei
Meu cavalo selei
Pai Ogum já foi embora
Meu cavalo selei
Seu ordenância? mandou avisar
Seu cavalo tá pronto para viajar
Mas como é lindo o clarão da lua
o cavalo branco na imagem sua

Embora esteja entre realidades culturais diferentes, é possível compreender as relações textuais entre o romance do Justo Juiz, a oração para fechamento de corpo e as corimbas para Ogum. É possível evidenciar, a partir dos estudos de Johannes Kabatek (2006), que o mito de São Jorge possui uma maneira particular de “falar”, que adquire valor de signo próprio através da presença de significados de força, proteção e socorro, em que o devoto de São Jorge e Ogum entoa para conseguir alcançar uma graça ou se proteger de algum inimigo. A sua repetição se estabelece da relação de união entre atualização e tradição, liberdade e memória.

Enquanto a oração para fechamento de corpo é uma variante do romance Justo Juiz, atualizado para realidade católica popular do nordeste brasileiro, as corimbas de Ogum são cantos atualizados do romanceiro para o universo religioso de umbanda também do nordeste brasileiro.

O território mítico da oração para fechamento de corpo é a cidade de Juazeiro do Norte com o seu personagem principal, o Padim Padre Cícero, em que os arquétipos de força, impulsividade e milagreiro cruzam-se com os arquétipos de São Jorge, o guerreiro que vence o dragão. Já as corimbas são entoados a partir de um território imaginário, Aruanda, lugar que compreende o campo do Humaitá, ambiente de combate do orixá ferreiro, Ogum.

Conforme Zumthor (2006), a poesia verbalmente aspira, como a um propósito ideal, a se depurar das limitações semânticas da tradição, a sair da estrutura, escapar da linguagem, daí os procedimentos de frases que relacionam universos religiosos distintos através dos personagens São

Jorge, Ogum e Maria na corimba I ou de utilizar repetições acumuladas de estrofes até o esgotamento do sentido durante a liturgia de umbanda.

As narrativas, os mitos, podem se manter muito tempo numa forma pouco alterada. Mas a necessidade que faz com que sobrevivam nas pequenas comunidades trabalha seu interior e, ao fim, os transforma. Em torno desses fragmentos se reconstróem tradições que, mantendo alguns de seus traços primeiros, se desenvolvem segundo outro ritmo e tendências.

Em corimbas como o exemplo III, de tom solene, com prolongamento dos sons das vogais, ocorre a sugestão da dor e possui relações próximas com as melodias dos cantos das procissões católicas.

Considerações Finais

As relações culturais existentes em um terreiro de religião Afro no Brasil durante uma *performance* de Ogum são complexas e não se limita apenas a uma sujeição de um sistema cultural em relação a uma outra cultura colonizadora, mas é sobretudo o reflexo do que ocorre no interior da própria sociedade, em que os participantes circulam entre as diversas matrizes religiosas naturalmente.

Embora as divindades historicamente tenham sido "pessoas" que viveram em territórios e tempos diferentes, os arquétipos de Ogum, referente ao guerreiro artesão do ferro, à impulsividade, àquele que abre caminhos, dialogam simbolicamente aos arquétipos de São Jorge, o cavaleiro guerreiro, armado, o empreendedor que vence demandas.

Portanto, o amalgamento que ocorre no Brasil conserva cada matriz cultural embora estejam compondo uma unidade de faces distintas durante as *performances* nos terreiros de umbanda.

Como análise, a pesquisa conecta alguns significantes que estabelecem estas interações culturais desde o romance do Justo Juiz e suas variantes em Portugal, até seu desenvolvimento em solo brasileiro seja no catolicismo popular, através das orações e rezas, como nas corimbas entoadas para Ogum. Estes textos, que são vastos, formam um discurso compacto do ponto de vista semântico e, ao mesmo tempo, diluído se considerar o tempo e o espaço em que estão situados.

Compreender estas relações textuais proporciona ao devoto o conhecimento da divindade em sua maior complexidade, a qual ele presta homenagens. Assim é um conhecimento que retorna à comunidade estudada como forma de diálogo com os conhecimentos já presente entre os fieis.

Compreender estas relações proporciona também a compreensão da como a identidade brasileira, mestiça, é constituída entre tramas narrativas de diferentes tradições textuais e culturais

REFERÊNCIAS

CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. São Paulo: Martin Claret, 2006

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONTES, Manoel da Costa. Romanceiro da província de Tras-os-Montes (Districto de Bragança). Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1987

KABATEK, Johannes: Tradições discursivas e mudanças linguísticas. In: LOBO, Tania, Ribeiro, Ilza, Carneiro, Zenaide, Almeida, Norma. (Orgs). Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006

MOREIRA, Carina M. G. Metáforas da Memória e da Resistência: uma análise dos pontos cantados na Umbanda In. XI Congresso Internacional da ABRALIC 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil.

NASCIMENTO, Braulio. Estudos sobre o Romanceiro tradicional. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2004

SANTOS, Idellete Muzart-Fonseca dos. Memória das Vozes: cantoria, romanceiro e cordel Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia 2006

VARAZZE, Jacopo de, Arcebispo de Gênova. Legenda Áurea: Vidas de Santos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

VASCONCELOS José Leite de, opúsculos Volume VII – Etnologia (Parte II) Lisboa, Imprensa Nacional, 1938

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010